

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
ESPECIALIZAÇÃO EM MODA, CULTURA DE MODA E ARTE

Paula Estrela Casali Inham

RELIGIÃO CATÓLICA: fé e simbolismo nas vestes litúrgicas

Juiz de Fora

2015

Paula Estrela Casali Inham

RELIGIÃO CATÓLICA: fé e simbolismo nas vestes litúrgicas

Monografia apresentada ao Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte.

Orientadora: Prof^a. Dra. Isabela Monken Velloso

Juiz de Fora

2015

Casali Inham, Paula Estrela.

RELIGIÃO CATÓLICA : FÉ E SIMBOLISMO NAS VESTES LITÚRGICAS /
Paula Estrela Casali Inham. -- 2015.

51 f. : il.

Orientadora: Isabela Monken Velloso

Coorientadora: Tarcísio Marcelino Ferreira Monay

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) -
Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e
Design. Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte, 2015.

1. Religião. 2. Vestes. 3. Simbolismo. 4. Fé. 5. Católica.
I. Monken Velloso, Isabela, orient. II. Marcelino Ferreira
Monay, Tarcísio, coorient. III. Título.

Paula Estrela Casali Inham

RELIGIÃO CATÓLICA: fé e simbolismo nas vestes litúrgicas

Monografia apresentada ao Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte.

Orientadora: Profa. Dra. Isabela Monken Velloso

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Isabela Monken Velloso (orientadora) – IAD/UFJF

Prof. Me. Pe. Tarcísio Marcelino Ferreira Monay (co-orientador) – CES/ JF

Prof. Dr. Afonso Celso Carvalho Rodrigues – IAD/UFJF

Examinada em: 30 de novembro de 2015.

Dedico esta monografia
à minha família, por ser absolutamente tudo em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente e acima de tudo, a Deus por me dar chances de ser melhor todos os dias; meus pais, por serem a base da construção do meu ser; minhas irmãs, por serem minha morada, meu outro eu; meu namorado, João Pedro, pela paciência; ao meu gato, Bi, pela singela representação de carinho. Ao meu co-orientador, Pe. Tarcísio, por me ensinar a dar o meu melhor; a minha catequista e amiga, Solange, por restaurar a minha fé, ao Pe. Leonardo pela bibliografia e minha orientadora Isabela pela inspiração.

“ [...] vivo, mas não sou mais eu, é Cristo que vive em mim.”

São Paulo (Gl 2,20a)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal mostrar a simbologia dos paramentos litúrgicos usados pelo sacerdote durante uma celebração eucarística. As vestes que perpassam séculos, regadas de tradição e fé, passaram a serem símbolos de identificação no mundo inteiro, tendo uma constituição histórica e bíblica. A beleza e o encanto envolvendo os paramentos litúrgicos são sinais de identificação do clero, fazendo parte da identidade do seu ministério. Não é por meio do encanto nas vestimentas que os fiéis se seduzem durante a celebração, mas pelo seu significado. Pelos olhos de um desconhecedor é apenas uma veste, mas para os fiéis católicos é o revestir de Cristo. A religião Católica como um todo, tanto Apostólica quanto Ortodoxa, utiliza de símbolos e de objetos estéticos para traduzir melhor os rituais, os ensinamentos e a fé cristã.

Palavras-chave: Paramentos. Vestes. Jesus Cristo. Liturgia. Clero. Simbologia.

ABSTRACT

This work aims to show the symbolism of the liturgical vestments worn by the priest during a Eucharistic celebration. The garments that run through centuries, watered tradition and faith, have to be identifying symbols worldwide and has a historical and biblical creation. The beauty and the charm involving clergy vestments are identification signs, part of his identity, but not through the charm in the garments that seduce the faithful during the celebration, but for its significance. Through the eyes of an ignorant it is just a garment, but for Catholics is the coat of Christ. The Catholic religion as a whole, both as Apostolic Orthodox, uses symbols and aesthetic objects to better reflect the rituals, the teachings and the Christian faith.

Keywords: Regalia. Garments. Jesus Christ. Liturgy. Clergy. Symbology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- VESTES DO SUMO SACERDOTE E SACERDOTE	16
FIGURA 2- ALVA.....	28
FIGURA 3-FIGURA 3- MANÍPULO NA FORMA EXTRAORDINÁRIA	29
FIGURA 5- ESTOLA.....	29
FIGURA 6- SOBREPeliz COM RENDA	30
FIGURA 7- CASULA GÓTICA	32
FIGURA 8-DALMÁTICA	33
FIGURA 9-BARRETE.....	34
FIGURA 10- VÉU UMERAL.....	35
FIGURA 11- CAPA DE ASPERGES OU CAPA PLUVIAL,	35
FIGURA 13- TIARA, OU TRÍPLICE COROA PAPAL.....	37
FIGURA 12-FÉRRULA PAPAL	37
FIGURA 14- VESTES TÍPICAS DO PAPA.....	38
FIGURA 15- VESTES TÍPICAS DE CARDEAIS	40
FIGURA 16- RATIONALE.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A MORADA DE DEUS: HUMANO E MANTO.....	13
1.1 ADÃO E EVA: IMAGEM E SEMELHANÇA.....	13
1.2 O SACERDÓCIO	16
1.3 A IGREJA PRIMITIVA	19
2 A IGREJA CATÓLICA: HISTÓRIA E DOCTRINA	22
2.1 ORIGEM DOS PARAMENTOS LITÚRGICOS.....	24
2.2 A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	36
3 A VESTE PARA QUEM VESTE: O REVESTIR DE CRISTO.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

Nós temos uma crença de que exista alguém, ou algo, que rege nossa vida. Quando nos colocamos à disposição desta crença, quando confiamos plenamente nela, damos o nome de fé. A fé é a união e anuência pessoal a Deus, suas intenções e manifestações, assim como é uma crença e confiança em um compromisso, como se encontra no Aurélio (1994-1995, p. 292).

A religião Católica utiliza o olhar dos membros de sua Igreja, através de símbolos para expressão de fé. São evidentes suas particularidades de objetos, vestes litúrgicas, paramentos, assim como a hierarquia no clero, tendo como intenção despertar a divindade dentro da assembleia como também de guiar esse povo para o encontro de seus semelhantes além de despertar o divino que há dentro das pessoas.

O trabalho aborda o simbolismo das vestes litúrgicas na hierarquia clerical. É importante compreendê-lo, assim como conhecer o propósito para o uso de determinados paramentos igualmente como as cores usadas durante o ciclo litúrgico a fim de resgatar a doutrina Católica milenar.

O propósito deste trabalho é evidenciar as simbologias envolvidas na indumentária do sacerdote. As vestes não são apenas para compor o altar, mas transmitir na pessoa do ministro que está revestido uma unidade entre o Céu e a Terra, fazendo com que estas vestimentas tragam dignidade para que o sacerdote, em nome da pessoa de Cristo, possa trazer a força do sacrifício de Jesus na eucaristia.

A má interpretação da beleza dentro da Igreja Católica por conta da falta de perpetuação de sua simbologia gera certo desconforto para os fiéis, acarretando a falta de compromisso com sua Paróquia, críticas e interpretações equivocadas; muitos acabam migrando para outras religiões.

O método de abordagem é dialético, de natureza qualitativa, onde o objeto de estudo sendo simbólico não é uma verdade absoluta para todos, mas para os que creem. Sendo assim o foco é o aprofundamento na fé católica. Serão também realizados estudos bíblicos para melhor compreensão do simbolismo na religião.

A fonte bibliográfica contempla artigos científicos, e livros mostrando a introdução e especificidades de uma veste para um culto e suas modificações na história.

A principal razão para a escolha desse método de abordagem deve-se ao fato da complexidade do problema em estudo. Não se trata de mostrar apenas o vestuário em uma celebração, mas sim de descobrir a natureza das experiências das pessoas, tanto o sacerdote quanto os fiéis, com respeito à simbologia das vestes.

1 A MORADA DE DEUS: HUMANO E MANTO

1.1 ADÃO E EVA: IMAGEM E SEMELHANÇA

Desde os primeiros tempos da humanidade o homem tem a crença em um ser santo e supremo. Tal crença era comum em pelo menos dois seres, um do bem e outro do mal. O sol costumava ser um deles. Geralmente em quais quer uma dessas crenças um ser era superior aos demais. Acreditavam que acontecimentos provenientes da natureza, como enchentes, secas, entre outros, eram obra de algum espírito ruim, e para acalmá-lo era necessário oferecer sacrifício, e até sacrifícios humanos. As coisas boas também eram reparadas, como por exemplo, uma boa colheita e o aumento do rebanho, por exemplo, que eram consideradas bênçãos e para continuar a recebê-las o bom espírito deveria ser saudado.

“À medida que o homem progrediu em civilização, suas ideias a respeito de Deus tornaram-se mais claras e racionais.” (ODELL, 1969, p.15). Os intelectuais desenvolveram a ideia de Deus para explicar o que não conseguiam, seria ELE a resposta para dúvidas aos quais não tinham capacidade para responder.

Filósofos gregos, antes de Cristo, chegaram à conclusão através de sua capacidade de raciocínio de que todo o poder era centrado em apenas um espírito: Deus. ELE era a essência de tudo, era bom, havia criado o universo e zelava por ele. Os persas também sobrevieram a acreditar nesse poder concentrado, e passaram a cultuá-lo.

Cada povo tinha sua crença sobre a criação do homem, que era passado oralmente pelas tribos e: “[...] que lhe foram transmitidas oralmente, talvez desde os primeiros homens criados por Deus.” (ODELL, 1969, p.20). Sobre essa criação, ao qual estamos familiarizados, o primeiro livro da Bíblia Sagrada, o Gênesis, mostra como se deu o início de tudo.

A linguagem ali mostrada é referente à época, escrita de uma maneira em que as pessoas poderiam compreender, por isso, era adequada ao povo naquele momento. Em certas passagens devemos levar em consideração a localidade, assim como , os hábitos das pessoas da época.

Antes da escrita, as crenças eram transmitidas oralmente. Fazia parte do sacerdócio o decoro das cerimônias. E por trezentos anos manteve deste jeito sendo modificado por volta de 400 a. C. quando um grupo de escribas reuniram todas essas histórias e as separaram em cinco livros do Pentateuco que compreende em livro do Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Acredita-se que a escrita foi desenvolvida após a saída de Abraão de Haren (Gn 12,1-9).

Nos primeiros capítulos do livro do Gênesis encontra-se a criação do universo. Deus criou o homem para o bem, para uma vida sem dor e nem a morte. Viviam em uma união ao qual ELE falava diretamente com eles. Não eram cobertos com roupas, mas com a glória de Deus, a comunhão com Ele. “*Ambos estavam nus, o homem e sua mulher sem sentirem vergonha um do outro*” (Gn 2,25). Os dois eram a morada de Deus, e foram guiados e instruídos para o bem. Sua imagem e semelhança. Além disso, possuía o livre arbítrio, o poder de escolher entre o bem e o mal.

Eva, tentada pela serpente, desejou ser como Deus, se vestir de poder tal como o Criador. A maneira de como a humanidade adquiriu o conhecimento do bem e do mal, foi através da violação da prescrição de Deus. Desconfiou da Palavra e acreditou na da serpente, e neste instante comeu do fruto e ofereceu a Adão.

A veste branca de inocência foi usada por nossos primeiros pais, quando foram postos por Deus no santo Éden. Viviam eles em perfeita conformidade com a vontade de Deus. Todas as suas afeições eram devotadas ao Pai celeste. Luz bela e suave, a luz de Deus, envolvia o santo par. Esse vestido de luz era um símbolo de suas vestes espirituais de celeste inocência. Se permanecessem leais a Deus, continuaria sempre a envolvê-los. (WHITE, 2012, p. 200).

A primeira veste do homem foi à glória de Deus que estava sobre ele, seu amor e zelo. O homem possuía inteligência e sabedoria do bem. Ele foi instruído para que não comesse da árvore do conhecimento, pois conheceria também a morte. Adão e Eva tiveram direito a escolha de obedecer à Palavra de Deus, ou nega-lo.

Essa história da criação usa de linguagens para que o leitor consiga compreender o significado por trás, como por exemplo, relacionar o fruto, algo suculento quando se está maduro, instigante, com a quebra da aliança. Essa relação da fruta com o pecado é simbolizado no Livro do Gênesis da melhor maneira para que o leitor compreenda a tentação de Adão e Eva.

Por escolherem a desobediência: “*Os olhos de ambos se abriram e souberam que estavam nus. Tendo costurado folhas de figueira, fizeram tangas para si.*” (Gn 3,7). Este é o resultado de sua escolha, consequência de sua infidelidade à Palavra de Deus, descobrindo com isso suas fraquezas e passaram a se esconder um do outro assim como do Criador, por vergonha de seu pecado. A partir deste momento, o homem, pela sua desobediência, deixou que o mal entrasse em seu coração. Tornou-se pecador e conhecedor da morte. E estando fora da comunhão com Deus, estaria banido do paraíso.

O autor do Gênesis narra para nós: “*O SENHOR Deus fez para Adão e sua mulher vestiduras de pele, com as quais os vestiu*” (Gn, 3,21). A atitude do criador para com a criatura ainda sim foi de zelo ao dar-lhes a pele de animais para protegê-los, mostrando compaixão pelos pecadores. Neste segundo momento, as vestes espirituais foram substituídas e a aliança com Deus foi quebrada, como descreve o cardeal Ratzinger:

[...] o primeiro vestido é o Adão quando foi criado e que perdeu quando reivindicou assemelhar-se a Deus. E todo o vestido que o Homem veste desde então não é mais do que uma pobre substituição da luz interior que promana de Deus, luz essa que era a sua <<verdadeira veste>>>>. (RATZINGER, 2010, p. 161).

A vestidura de Adão era simbólica neste primeiro momento. ELE era coberto pelo amor, a glória de Deus, da unidade dele. Com o rompimento, a veste de pele, passou a cobrir seu corpo, seus pecados.

A sequência evolutiva da veste segundo Braga (2011, p.17); “iniciando pelas folhagens e partindo para as peles, tanto por pudor quanto por proteção”. O que na Bíblia mostra sutilmente, a história comprova. O homem, segundo a história, necessitava de algo para cobrir-lhe o corpo como proteção, durante a caça, por conta do clima, entre outros.

A indumentária evoluiu com a sociedade, na forma de sua construção, adornos, e materiais a serem usados. A roupa mudou sua funcionalidade e passou a ter um caráter social e de distinção entre culturas. Os povos tinham suas características próprias de se vestir e dentro dela uma distinção social, fosse pela cor, adornos e materiais.

A indumentária também alcançou o caráter religioso, sendo diferenciado para os líderes religiosos. O que ainda acontece nos dias atuais em algumas religiões: vestes regadas de simbolismo e devoção a Deus. São diversas formas para conectar o crente com a entidade de sua devoção, cada qual com sua forma pessoal.

Para algumas pessoas de fora da fé em particular, essas roupas não são familiares, e muito menos significativas. Para os participantes, elas despertam o que há de mais profundo na alma. Motivam as pessoas. Mostram uma vida inteira de serviço.

1.2 O SACERDÓCIO

Deus passa a Moisés as instruções sobre a organização do culto, que vai desde o interior da Morada, a arca, mesa, e o candelabro até as vestes sacerdotais: "*Eles me farão um santuário e eu morarei entre eles*" (Ex 25,8). Deus passaria a viver entre o povo, e sua morada era um conjunto de elementos.

Aarão, escolhido por Deus, seria o sumo sacerdote e toda sua descendência também o seria. Assim o sacerdócio neste primeiro momento era hereditário, como é descrito na Bíblia: "*É lei perene para ele e sua descendência depois dele*" (Ex 28,43).

Do mesmo jeito que a morada, a consagração do sacerdote e suas vestes também foram instruídas. A liturgia de consagração do sumo sacerdote, no caso Aarão e dos sacerdotes, seus filhos, baseava-se em três ações: o banho de purificação que consistia em lavar os sacerdotes na entrada da tenda. A vestimenta, onde Aarão seria



Figura 1- Vestes do Sumo Sacerdote (a frente) e sacerdote (atrás), descritas no Antigo Testamento

revestido com uma túnica, com a capa do efod (uma espécie de manto ou xaile), com o efod, o peitoral arrumado com a faixa do efod, duas pedras de berilo gravadas cada uma com seis nomes das tribos de Israel, essas tribos correspondem aos doze filhos de Jacó (Israel), sendo por ordem de nascimento. As pedras que estariam embutidas num pingente seriam presas nas correntes do efod e sobre a cabeça o turbante com insígnias da consagração e pôr fim a unção do único sumo sacerdote que estendia aos outros, onde o óleo da unção era derramado sobre sua cabeça o unguindo. Quanto à vestimenta dos outros sacerdotes filho de Aarão baseava-se em uma túnica presa à cintura por uma cinta. Em ambas as cabeças uma tiara as cobria, evidenciando que o sacerdócio lhes pertencia, descrito em Êxodo 3.

Para se apresentar a Deus, a mudança de roupa era necessária. Significava abandonar o profano, o pecado e se fazer santo diante de Deus.

As instruções para com a confecção do traje também foram especificadas uma vez que, somente os sábios preenchidos com o espírito de sabedoria dado por Deus, confeccionavam.

A forma com que o sumo sacerdote se apresentava a Deus é descrita em no livro do Eclesiástico (Sirácida 50). É feita uma relação do sacerdote ao resplandecer do sol e a natureza em seu mais alto esplendor. Ao preparar a oferenda a Deus e sua beleza preenchia o templo com glória (Sr 50,11):

*quando ele revestia seu manto de glória
e endossava toda a sua soberba paramentação,
quando subia ao santo altar,
ele enchia de glória o recinto do santuário.*

O sacerdote é o líder do culto a Deus. O mediador que oferecia sacrifício a Deus em nome do povo.

O sacerdócio por volta de 538 a. C assumiu um posto de realeza, decidindo o destino do povo. O sumo sacerdote, aos poucos, se equivaleria ao poder do rei, o que a partir de Aristóbulo I (104 a 103 a.C) tornou-se explícito.

No momento soberano do sacerdócio, nasce Jesus Cristo. Deus que se veste de carne. Jesus modificou toda a estrutura religiosa dos sacerdotes, que não mais servia ao povo, mas a nobreza. O sacerdócio passou a ser status e não mais servidão.

Seus ideais eram resumidos no amor e na simplicidade. Cativou os necessitados de fé e tornou-se problema para os poderosos, por pregar seu sacerdócio como único. Ninguém chegaria a Deus se não fosse por intermédio dele. Arrastou multidões com sua palavra e seu acolhimento, e mostrou um Deus de amor e compaixão. Sua pregação desestabilizou o regime religioso que o levou a julgamento pelo estado.

O povo judeu, povo escolhido por Deus para receber o redentor, o mesmo povo liberto da escravidão dos egípcios, por Moisés, o condenou à morte, e como sacrifício. Cristo foi condenado à morte com a pena mais humilhante da época: a crucificação. Por tempo, os sacerdotes procuraram motivos para leva-lo a julgamento, porém Ele não fazia nada contra o estado para ser condenado à morte, até se anunciar rei. Não de um pedaço de terra, mas do céu, rei dos homens e rei dos reis. Isto foi motivo para que fosse julgado.

Jesus foi açoitado, humilhado e por fim, morto na cruz. Acredita-se que ficou por aproximadamente seis horas (Mc 15,25-34) agonizando até que finalmente morreu, às três horas da tarde. Um soldado se aproximou, o espetou com uma lança e de seu corpo e saiu sangue e água.

No Antigo Testamento o sumo sacerdote ao oferecer um sacrifício para remissão dos seus pecados (Lv 4,3-5) é escolhido um novilho perfeito, degolava-o e bebia de seu sangue. Jesus oferece seu corpo e sangue aos seus discípulos de uma maneira simbólica na última ceia o que mais tarde se concretizaria. Sua morte é comparada a este sacrifício descrito no Antigo Testamento. Seu sangue foi todo derramado em prol dos pecadores, entretanto venceu a morte e ressuscitou no terceiro dia.

Para os cristãos, Jesus é o único filho de Deus, ao qual havia sido anunciado por profetas há séculos. Fez-se carne para conhecer nossas dificuldades e angústias, nos ensinar o poder do amor para com os outros e a de Deus para conosco. Jesus tornou-se o único mediador de Deus. Por isso, sumo sacerdote ([Hebreus 2:17, 4:14](#)).

A partir deste momento, os líderes religiosos cristãos, guiam o povo para Cristo, caminho, verdade e vida e somente por ele que se chega ao Pai.

1.3 A IGREJA PRIMITIVA

E eu, eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e a Potência da morte não terá força contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus; tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus. (Mt 16,18-19).

Esta Igreja seria a nova comunidade de Cristo, sendo Pedro, responsável por conduzi-la, guiando o povo ao Reino dos céus, uma vez que o caminho é o próprio Cristo (Jo 14,3-7). Deste jeito, sua função era propagar os ensinamentos de Jesus para que assim como ele, o conhecessem: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim*”(Jo 14,6).

Após sua ressurreição e antes de sua ascensão, acredita-se que Jesus Cristo ficou quarenta dias a passar instruções e avisos a seus apóstolos (At 1, 1-3) e uma delas seria a vinda do Espírito Santo, que desceu sobre eles como línguas de fogo (At 2,3) no dia de Pentecostes, (uma festa celebrada cinquenta dias após a Páscoa), onde foram tomados por algo inexplicável e partir desse momento que saíram para pregar o Evangelho em missão dada por Jesus (Mt 10,5-14).

Os ensinamentos de Cristo, neste primeiro momento, era passado oralmente nas cidades (Mt 10, 11), nas casas (Mt 10, 12) no Templo (At 3, 1.16) ou no meio de uma multidão, onde ainda não era visto como ameaça aos pagãos. Porém, assim como os mandou em missão, também os avisou sobre perseguições que sofreriam (Mt 10, 22).

Durante séculos, os seguidores de Cristo foram perseguidos. Quando capturados pelos romanos eram condenados. Roma era politeísta, cultuavam diversos deuses, por isso não aceitavam o culto a um só Deus. Sendo assim, qualquer pessoa que se opusesse estaria descumprindo um dever cívico. Mesmo com tantas ameaças a fé foi maior que o medo e a opressão.

Os cristão quando capturados, era iniciado um processo de condenação. A custódia militar, onde a pessoa era mantida numa prisão domiciliar, como foi o caso de São Paulo, o discípulo. Também havia a custódia pública, onde a pessoa era acorrentada numa prisão, onde passava fome e sede. Passado isto, a pessoa era acompanhada ao interrogatório, com exceção apenas dos cristãos que negavam a fé, sendo assim libertos. Por fim, era dada a sentença, que podia ser o exílio, a escravidão ou morte por

afogamento, animais selvagens na arena, ou crucificação. Os mártires, pessoas que sacrificaram sua vida para não negar sua fé em Cristo e sua doutrina, aceitaram sua condenação sem apelar da sentença. Seus restos mortais eram reunidos e sepultados nas catacumbas, que eram cemitérios subterrâneos, existentes em Roma. Estes Cemitérios eram diversos túneis que se cruzavam, tendo cavidades abertas nas paredes, onde dentro havia corpos que eram selados com mármore ou pedra como explica Albion (1969, p.195).

Os Romanos dependiam de uma sociedade passiva para melhor controlá-la, segundo Albion (1969 p. 195). O cristianismo transformou a sociedade, mudando a visão sobre a mulher, a escravidão e o casamento. Com essa nova visão, os cristãos se multiplicaram. Não eram apenas um pequeno grupo espalhado, já havia tomado uma proporção grande mesmo com sua perseguição, e ainda continuavam a espalhar sua fé.

Após o governo de Pôncio Pilatos, que condenou Jesus a morte, Agripa I, rei dos Judeus, assumiu seu lugar e tornou-se um perseguidor de cristão, entretanto não seria o único. Após sua morte, a Palestina cobriu-se de rebeliões judaicas, já que Roma tentava tomá-la. Com a posse de Jerusalém, os cristãos fugiram e neste meio tempo, a cidade foi destruída, sendo eles, acusados de tal feito por Roma, como menciona Mullins (1969, p.169).

O imperador Nero, iniciou uma caçada a eles, o que acredita que acarretou na morte dos apóstolos de Jesus Cristo: Pedro e Paulo, em meados de 67. Acredita-se que Pedro, ao ser crucificado, pediu para que o fizessem de cabeça para baixo, pois não se achava digno de morrer como Cristo.

Roma era vasta e incontrolável, e no final do século III, o imperador Diocleciano o dividiu em dois. Assim sendo, ficou dividido em Oriente e Ocidente, tendo cada qual o seu imperador Constantino e Maxêncio. Ambos acabaram entrando numa disputa armada, onde o primeiro saiu vencedor. Constantino agregou sua vitória ao Deus cristão, pois teve uma visão da cruz no céu o que o levou a escrever a monograma de Cristo no estandarte de sua tropa. Em 313 d.C, Constantino proclamando o cristianismo permitido no Estado, como mostra Anson (1969, p. 920) dando liberdade religiosa.

Entretanto só a partir do final do século IV o cristianismo tornou-se a religião oficial. A partir desse momento as celebrações seriam em Templos, o que levou

a construções de várias delas, e toda que havia sido confiscada foi devolvida. O clero foi isento de pagar impostos e se viu finalmente livre para reverenciar a Deus. A trajetória foi crucial para se fixar o cristianismo.

2 A IGREJA CATÓLICA: HISTÓRIA E DOUTRINA

A Igreja surgiu pela necessidade que os cristãos tinham em professar a fé por conta da perseguição. “[...] a função da Igreja num sentido não sacramental, mas rigorosamente funcional: ela possibilita o convívio litúrgico.” (RATZINGER, 2010, p. 47). O lugar escolhido eram as catacumbas, onde haviam por sinal, corpos de pessoas mortas por conta de sua fé cristã, os mártires. Somente com a liberdade religiosa que houve a construção das Igrejas, onde poderiam cultuar a Deus livremente.

Os santuários eram erguidos acima dos túmulos dos mártires, um símbolo de respeito pela fé e uma homenagem ao mesmo. Mais à frente, as Igrejas passaram a ser construídas ao redor desses túmulos, sendo o altar acima dele. O que antes era escondido passou a ser evidência. Entretanto estas Igrejas- Santuários, como eram chamadas, não foram construídas com a intenção de celebrar a eucaristia, mas com a intenção de comemorações, oferecendo banquetes. Estes banquetes passaram a ser refeições dada aos pobres (ANSON, 1969, p. 925). Mais tarde, perdeu esta finalidade e passou a ser um local de oração. As pessoas iam até o altar, onde jazia o corpo do mártir fazer suas preces, atraindo multidões.

As Igrejas foram sendo modificadas de acordo com a necessidade do povo e de seus costumes, sendo a arquitetura, arte e riquezas reflexo disto. Quando a capital de Roma foi transferida para Bizâncio, uma antiga colônia grega, cuja capital era Constantinopla, como cita Braga (2011, p. 32), fundada pelo Imperador Constantino, vemos uma nova etapa para o cristianismo: o interior dessas Igrejas. Elas foram decoradas para glorificar o Rei dos Reis. Agora que havia o apoio do Imperador a celebração ganhou característica de cerimônia e a sua suntuosidade as influenciou, tornando-as majestosas basílicas¹.

No século VI a cultura bizantina atingiu seu auge com o governo de Justiniano. Isso refletiu na arte de representação da época, como a de Cristo que era retratado como Rei e os santos, anjos e o Imperador sua corte, como descreve Conlay e

¹ “[...] a palavra “basílica” em grego significa “régio” e era um nome bem adequado para os edifícios dedicados ao culto do Rei dos Reis.” (ANSON, 1969, p.921)

Anson (1969, p.1014). Assim era "digna" de Deus, tornando-se cada vez mais maravilhosas. Essa riqueza mudou a figura de Jesus, de um bom pastor, que era representado nas catacumbas, dando espaço para um Jesus Cristo governante, um homem maduro. O estilo bizantino de representação influenciou a arte religiosa Ocidental por oito séculos segundo Conlay e Anson(1969, p. 1016) que era principalmente pelo uso da técnica de mosaico. Tal estilo, influenciou também as vestes de celebração. Tornando-as tão luxuosas quanto o local ao qual estaria celebrando.

Com a liberdade conquistada, os cristãos agora teriam voz e com isso, responsabilidade religiosa para com os fiéis. Havia dúvidas aos quais precisavam de respostas. O sacerdote Ário tomou a frente nessa caminhada, sendo sua primeira dúvida ao qual precisava de resposta sobre a divindade de Deus e seu filho Jesus Cristo. Para os cristãos da época, Àrio, cometeu uma heresia², ao levantar a dúvida da santidade de Cristo e Deus, o que abalou as doutrinas básicas da fé cristã, segundo Albion (1969, p. 201). Isto acarretou uma série de *Concílios Ecumênicos*, onde seriam separados os erros da verdade, moldando o cristianismo. Tais Concílios tinham a função de "peneirar" as verdades, estudando os principais questionamentos e afirmações, onde os primeiros foram realizados no Império Oriental, em Roma. O desejo dos Imperadores era acabar com estes problemas que estava gerando atritos na Igreja.

Um legado era representado pelos papas, já que o mesmo não comparecia, e as decisões tomadas nos Concílios deveriam ser aprovadas por ele para que assim pudesse fazer parte da doutrina da Igreja, segundo Albion (1969, p. 201).

A oração do Credo foi composta para evidenciar os ensinamentos da Igreja, anulando os falsos que eram propagados. Os Credos resultantes dos Concílios Ecumênicos são quatro ao total: o *Credo dos Apóstolos*, sendo uma declaração da fé cristã, acreditando ser do tempo apostólico, recitado ainda hoje durante o Batismo; o *Credo de Nicéia*, descrita no primeiro Concílio Ecumênico, em Nicéia, sendo um juramento de fé , recitado durante as Missas ainda hoje, e o *Credo de Atanásio*, atribuído ao Santo Atanásio, que foi bispo de Alexandria, onde afirma a verdade sobre a Santíssima Trindade. Este foi modificado no Concílio em Constantinopla, ao qual ainda é recitado durante as Missas de domingo.

²Negação de um artigo formal da Igreja por parte de uma pessoa batizada.

O primeiro Concílio foi realizado em 325 em Nicéia, sendo sugestão do Imperador Constantino, sobre a veracidade da santidade de Cristo e se de fato era filho de Deus. Foi definido que Jesus é filho de Deus uma vez que vem da mesma essência do Pai. A dúvida sobre a essência da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), ainda estava em conflito e em 381, foi o que deu início ao Segundo Concílio Ecumênico, realizado em Constantinopla. Nele foi afirmado que assim como Jesus Cristo, o Espírito Santo também é da natureza de Deus, ou seja, são um só.

Entretanto havia uma separação entre os Católicos Orientais e Ocidentais correlação a Santíssima Trindade. Durante este segundo Concílio, ficou decretado que o bispo de Constantinopla deveria ser superior ao bispo de Roma, pois Constantinopla era a nova Roma segundo Albion (1969, p. 203). Isso fez com que surgisse uma disputa política dentro da Igreja o que acarretou na separação da Igreja Católica Oriental, guiada pelo bispo de Constantinopla, com a Igreja Católica Ocidental, sendo guiados pelos papas, sucessores de São Pedro e liderada por Roma. Os Concílios Ecumênicos persistiam até o sétimo, responsáveis pela base da doutrina Católica e sua separação em Ortodoxa e Apostólica Romana.

O Imperador passou a influenciar diretamente nas questões religiosas. A relação entre Igreja e Estado se tornou mais forte pelo autoritarismo do Imperador e no decorrer dos seguintes Concílios Ecumênicos. A relação Igreja-Estado se fortaleceu com o passar do tempo até chegar ao ponto em que o clero era composto pela nobreza. Essa união era vantajosa apenas para o Imperador, uma vez que a Igreja o apoiasse, Deus o apoiaria e quem não estivesse com ele estaria contra o próprio Deus. Usou de maneira errônea a fé cristã e por muitos anos a Igreja foi tomada e guiada por pessoas que não haviam sido destinadas a isso. Somente com o rompimento dessa junção é que lhe foi devolvida sua verdadeira missão: servir a todos, assim como Cristo o fez.

2.1 ORIGEM DOS PARAMENTOS LITÚRGICOS

Nos primeiros séculos do Cristianismo os trajes para celebração usada pelo clero eram os melhores e mais limpos, sendo longos e esvoaçantes como descreve Conlay e Anson (1969, p. 1083). Com a invasão bárbara à Constantinopla, houve uma mudança nos trajes vigentes. As pernas ficaram livres, em uma espécie de calça o que

facilitava o trabalho. Porém esta moda não foi considerada adequada pelo clero para uma Igreja por não ser cortês e educada. Sendo assim, nos dias de celebração, as antigas vestes que foram conservadas, eram usadas mesmo que estivesse ultrapassado devido à sua forma, segundo Conlay e Anson (1969, p. 1083).

Assim surgiram os trajes aos quais conhecemos hoje. São trajes romanos modificados com o tempo. As vestes litúrgicas são lembranças das vestes usadas pelos sacerdotes e leigos na época da perseguição cristã. Foram conservados com o intuito sentimental e reverencial a Deus e durante a Idade Média, o auge da Igreja Católica. Os paramentos litúrgicos, que compreendem por toda a indumentária que cobre o corpo do sacerdote, foram regularizados e reduzidos para facilitar a movimentação do mesmo.

“A partir do século XII os paramentos tornaram-se cada vez mais decorados com finos bordados, e passaram a ser feitos de materiais pesados, tais como tecidos de ouro, perdendo em grande parte, sua forma originária.” (CONLAY; ANSON, 1969, p. 1083). Cada país por onde a religião se estabeleceu desenvolveu sua própria vestimenta, entretanto todos se originaram da mesma indumentária grega.

As vestes litúrgicas são divididas em veste exterior e veste interior. A veste exterior compreende pela casula, dalmática, estola e o manípulo. Eram leves, feitas de seda principalmente, trabalhadas com pedras e ouro. Hoje tais tecidos finos foram substituídos em sua maioria, por tecidos mais acessíveis, porém os de seda não foram excluídos. Já as vestes interiores, o cingulo, a alva e a túnica, eram feitas principalmente de linho. Não havia regra quanto ao formato, a decoração ou o material usado, entretanto era regra sua beleza, limpeza e conservação, assim como serem abençoados.

No início, eram de cor clara, na maioria, branca como os paramentos da Igreja primitiva. Isso foi mudado somente na Idade Média, o auge da Igreja, que se definiu as cores para os paramentos. Segundo Conlay e Anson (1969, p. 1084) o sacerdote só usava os melhores paramentos que possuía em festas importantes, independentemente de sua tonalidade. Entre os séculos XV e XVI, não havia uma cor definida para as celebrações aos domingos e nos demais dias. Sendo assim, cada diocese possuía seus próprios segmentos de cores, diferente das cores definidas ao qual estamos acostumados.

A sequência de cores foi proposta pelo papa Pio V (São Pio V) em 1570 e desde então está sendo utilizada. Assim, foram agregados significados as cores escolhidas, com o intuito de nos guiar durante o ano litúrgico.

As cores usadas durante as celebrações segundo Paci (2008, p.236) são divididas em³: *Vermelho* que simboliza o sangue e é a cor vital, do sacrifício de Cristo que deu seu sangue para vivermos eternamente no amor de Deus. Simboliza também o sacrifício. Tal cor é usada para celebrar o dia de um mártir, dia de Pentecostes e Sexta-feira Santa.

Verde que simboliza a natureza, as vegetações, vigor. Simboliza uma vegetação renascida depois de um inverno, uma certeza da vinda de uma primavera eterna (esperança). Essa cor é usada nos domingos e dias de semana, no Tempo Comum do Ano Litúrgico.

O *Roxo*, uma cor de preparação, te aguça a intuição lhe colocando em sintonia espiritual. É uma cor de passagem, e no âmbito teológico é um tempo de aflição e dor, uma vez que é um tempo de martírio de Cristo. É usada Tanto no Advento quanto na Quaresma.

O *Rosa* é uma tonalidade mais fraca do roxo, simboliza a pausa na rigidez da proposta no Advento e Quaresma. É uma alegria ainda fraca, um ponto de luz em um caminho escuro. Ele é usado em um dia do Advento e um dia da Quaresma.

O *Ouro* representa a inteligência que vem de Deus, segundo Paci (2008, p.230). O sacerdote deve passar esta inteligência vivente. Significa o esplendor de Deus, sua glória. Esta cor é usada em celebrações especiais, em festas litúrgicas, como na Páscoa e Natal. Ela e o branco podem substituir qualquer cor, menos a cor preta.

A cor *Branca* é sinônimo da paz; simboliza a serenidade, a pureza tanto física quanto espiritual, divindade. É usada no dia do Sagrado Coração de Jesus, por exemplo.

Por último a cor *Preta*. Seu simbolismo é rico, entretanto varia de acordo com sua utilidade. É a cor que antecede a luminosidade e o brilho, cor da noite. No âmbito cristão, simboliza o sono da mente, tempo de reflexão e espera. Cor da privação

³ PACI, Piccolo Sara; *Storia delle vesti liturgiche*, Ancora: 2008. Milano

e luto. É uma cor usada em celebrações fúnebres e pode ser substituída pelo roxo. Ainda é permitido o azul sendo particularidade da Espanha para celebrações a Nossa Senhora, como diz Conlay e Anson (1969, p. 1084).

A diversidade nas cores tem como função expressar os mistérios da fé cristã, assim como seu progresso durante o ano litúrgico (ARINZE,2015, art.121).

Cada paramento litúrgico é um símbolo para os católicos e para o clero. Há diferenças nas vestimentas de acordo com o grau hierárquico dentro da Igreja, isto se deve ao fato da responsabilidade ao qual cada um carrega. Entretanto existem alguns paramentos em que todos fazem uso, independentemente de sua posição.

Amito

Trata-se de um pedaço de linho quadrado ao qual o sacerdote usa para cobrir o pescoço e os ombros. É o primeiro paramento envergado para a missa. Originalmente o sacerdote o punha sobre a cabeça por um breve momento antes de passá-lo pelo pescoço. Em algumas ordens religiosas ele é colocado sobre o capuz do hábito. O uso do amito não é regra.

Alva

Compreende-se por uma longa veste branca, mais justa que desce até os pés, que de início era feita de lã. Veste essa, que era habitual entre gregos e romanos no início do cristianismo. Segundo Conlay e Anson (1969, p. 1088) durante a Idade Média elas eram feitas de materiais mais finos, ouro e seda e após a invenção da renda, passou-se a acrescentá-la a peça.



Figura 2- Alva

Tunicela

Trata-se de uma veste semelhante a dalmática (abordada mais a frente). Tem o formato de “T”, descendo até os pés com as mangas mais justas para que por cima possa ser vestida a dalmática. Ela costuma ser usada pelo subdiácono quando sobre ela veste a dalmática para a celebração.

Cíngulo

A túnica era presa por um cinto, na antiga Grécia e Roma, e hoje usa-se uma corda com franjas nas extremidades para segurar a túnica. Também é permitido o uso de uma faixa. Sua cor varia de acordo com o Tempo Litúrgico.

Manípulo

Trata-se de uma faixa presa ao punho do celebrante. Teve origem na corte romana quanto era costume oficial levavam um grande lenço para que o Imperador pudesse limpar as mãos e a face. Se transformou em um adorno cívico usado na mão esquerda e passou a ser usado com a veste cristã mais tarde, chegando a ser longo e fino durante a Idade Média. Com o tempo foi modificado tornando-se curto e firmemente preso ao punho esquerdo durante a Celebração Eucarística. Atualmente seu uso é raro.

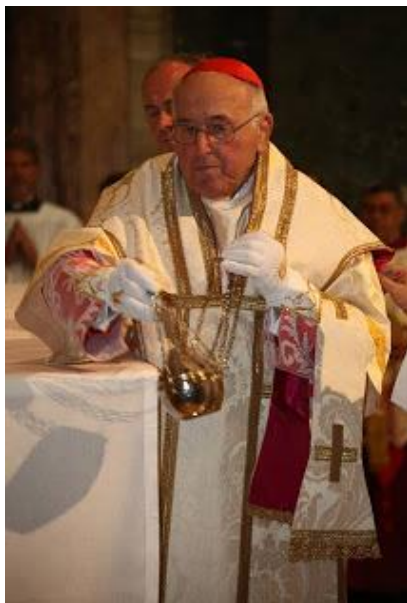


Figura 3- Cardeal Brandmüller com manípulo na Forma Extraordinária (2013)

Estola

A estola baseia-se em uma longa faixa seguindo a cor litúrgica. Passa por trás do pescoço do celebrante e solta a frente. É usado acima da tunicela ou alva, e abaixo da casula. Acredita-se que tenha originado das faixas usadas pelos senadores e cônsules romanos para mostrar autoridade. Foi adotado como paramento cristão, assim como a maioria dos paramentos litúrgicos, quando a Igreja passou a ser reconhecida através de Constantino.

Assim como o manípulo, a estola se alongou e estreitou durante a Idade Média, o que foi modificado com o tempo. Ela simboliza o ofício do sacerdote e sempre é usada quando o mesmo exerce a função religiosa, sobre a batina, terno clerical etc. É costume do sacerdote carregá-la consigo, assim como outros elementos.



Figura 4- Estola

Sobrepeliz

A sobrepeliz é semelhante a alva, desce até abaixo dos joelhos e tem mangas largas. Era usada originalmente sobre a túnica, forrada de pele, usadas durante o inverno pelos celebrantes. O principal objetivo da sobrepeliz era ocultar a túnica de pele que era longo, o que levou a alargar as mangas para que pudesse caber, uma vez que a alva era mais estreita.

No século XVI ela encurtou, entretanto continuou abaixo do joelho. Durante o século XVIII ela atingiu a altura do quadril, variando as mangas de acordo com o país. Houve variações de sobrepeliz quanto sua forma ao longo do tempo e quando houve o desenvolvimento da indústria de renda na Europa, durante o século XVI, passaram a enfeitar as mangas e na parte inferior da veste. Tal material virou moda acarretando mais tarde em mais renda do que o pano como descreve Conlay e Anson (1969, p. 1090). Atualmente ela desce até os joelhos e continua enfeitada em suas extremidades, porém sem exageros.



Figura 5- Sobrepeliz com renda

Cota

É uma evolução italiana da sobrepeliz, sendo curta, ampla com mangas até os cotovelos e engomadas e pregueadas.

Roquete

É semelhante à sobrepeliz, diferenciando apenas pelas mangas que são estreitas. São enfeitadas com renda e pode ser forrada no punho e na barra. Utilizada tanto pelo Papa quanto pelos cardeais e bispos. É usada com as vestes corais, entretanto não pode substituir o sobrepeliz, uma vez que não é uma veste sacra, ou seja, não é usada durante a Celebração Eucarística e sim em uma cerimônia religiosa, segundo Comlay e Anson (1969, p.1090)

Casula

Após vestir a túnica e amarrá-la com o cingulo, o celebrante se paramenta com a casula. Compreende por um manto semicircular largo que desce abaixo dos joelhos inteiriço, em sua maioria, com uma abertura para a cabeça. Sua cor varia com o tempo litúrgico. Segundo Conlay e Anson, ela tinha o formato de sino, e era usada no Império Romano pela classe média e pobre, uma vez que não tinham direito a *toga*: “[...] que nos permite fazer a correspondência com o *himation* grego. Entretanto, vale notar que a toga também foi uma evolução da *tebena* etrusca.” (BRAGA, 2011, p.29). Segundo Braga (2011, p. 29) era sobre a túnica que se vestia a toga, sendo volumosa e símbolo de status.

Seu nome tem origem do latim, *casula*, que significa tenda. Também recebeu outros nomes como *paenula* e *planeta*, e segundo Conlay e Anson a veste passou a substituir a toga que era usada e foi deste jeito que chegou aos paramentos litúrgicos. “Uma casula primitiva teria sido feita de um semicírculo de tecido com orla reta dobrada no meio e as duas bordas costuradas juntas.” (CONLAY; ANSON, 1969, p. 1086). Sofreu mudança na Idade Média. A casula passou a ser feita com tecidos mais pesados. Ficou exagerado à quantidade de tecido usado para a peça chegando ao ponto de dificultar a movimentação dos braços do sacerdote e conseqüentemente precisando de ajuda de quem estivesse ao seu lado para dobra-la.

Isso levou a cortar os lados com o tempo, conservando apenas o comprimento para dar mais flexibilidade, persistindo do século XIII até XVII segundo Conlay e Anson (1969, p.1086). Assim, ela passou a ser dois mantos com ponta circular unidos no ombro: a casula romana que ainda costuma ser usada em celebrações.

Na baixa Idade Média, segundo Braga (2011, p. 37) surgiu o estilo gótico, na Europa, caracterizado pela mudança e desenvolvimento da civilização. Um de seus diversos atributos foi à arquitetura exuberante sendo ligada principalmente às Igrejas, dando origem a famosas catedrais, um símbolo harmonioso de fé e arte um marco de imponência da Igreja Católica. Este estilo perpassou da arquitetura e arte para vestes e comportamento.

A influência da arquitetura gótica influenciou as roupas, assim como as casulas sacerdotais dando origem a *casula gótica*. As casulas hoje em dia costumam ser divididas em casula romana, mencionada acima, onde modificou apenas o material ao qual era feita conservando sua modelagem. A casula gótica, baseando em um círculo com abertura para cabeça seguindo até os pés, com tecidos mais leves atualmente. E a casula semigótica, onde se diferencia pelo tamanho mais curto que a gótica.



Figura 6- Casula Gótica

Dalmática

Trata-se de uma veste sobreposta à túnica, descia até abaixo dos joelhos e tinham mangas largas. A dalmática era feita de lã da Dalmácia, que era uma antiga província romana, daí o seu nome. É uma peça usada inicialmente por diáconos romanos por volta do século IV, entretanto o Papa passou a usa-la uma por baixo da casula e mais à frente os bispos passaram a usa-la durante a missa. Segundo Conlay e Anson (1969, p.1087) a peça não era habitual e só passou a fazer parte dos paramentos regulares no século IX para os diáconos da Europa ocidental.

As dalmáticas eram longas, de mangas largas e feitas de lã ou linho, na cor branca. A variação de cores deu-se após o século X quando passou-se a combiná-la com a casula do sacerdote, já seu material, só mudou por volta do século XII quando as dalmáticas de seda passaram a ser comum segundo Conlay e Anson (1969, p. 1087). Havia faixas ao redor das mangas, e em determinados países eram abertas do ombro à base. Segundo Conlay e Anson (1969, p.1088) não há regra quanto a modelagem da dalmática.



Figura 7-Dalmática

Batina

É o traje do dia-a-dia do clero. É justa, desce até os pés, branca para o Papa escarlate para os cardeais, púrpura para os bispos e preta para os demais. O superior religioso costuma usá-la na cor preta, diferenciando pelos botões e adornos do traje de acordo com a classe ao qual pertence, assim também como a faixa ao qual usa na cintura. Seu uso é comum como menciona Conlay e Anson (1969, p. 1090), nos países de língua inglesa.

Barrete

É um chapéu quadrado com três pontas unido no centro, costuma ter um tufo em cima. Originou-se a princípio de um capuz que era usado pelo clero, passou para um gorro. Com o tempo arredondou-se e só tomou a forma quadrada no século XV contendo até três dobras acima para facilitar a sua retirada e assim, com o intuito de

facilitar ainda mais retirá-lo da cabeça, puseram-lhe um tufo. Uma maneira melhor de visualizar sua forma primitiva, é visualizar o chapéu de formandos universitários, que se diferencia por ser: “[...] achatada, com um solidéu preso a ele, para melhor fixação da cabeça.” (CONLAY; ANSON, 1969, p. 1091)

A sua cor é preta para os diáconos e padres, preto com o tufo escarlate para Monsenhores, pontífices de honra e etc. Para os cardeais são escarlate e púrpura para os bispos.



Figura 8-Barrete usado por Monsenhores

Véu Umeral

Baseia-se em um véu, contendo cerca de dois metros de comprimento por cinquenta centímetros de largura como menciona Conlay e Anson (1969, p.1091). O véu é usado na benção do Santíssimo Sacramento, onde o celebrante cobre as mãos para tocá-lo. Acredita-se que não tem origem no rito romano antes da Idade Média, mesmo que já fosse usado na Europa. Entretanto, o hábito de cobrir as mãos para receber a hóstia era costume nas celebrações da Igreja primitiva.

“Especialmente quanto à matéria e forma dos objetos e das vestes sagradas, o sagrado Concílio concede às conferências episcopais das várias regiões a faculdade de fazer a adaptação às necessidades e costumes dos lugares”. (ARINZE, 2015,art.22;). Sendo assim certas modificações, como os materiais usados para confecção dos paramentos podem variar de acordo com os lugares.



Figura 9- Véu umeral

Capa de Asperges ou Pluvial

Trata-se de uma capa longa, semelhante a um casaco de chuva, sem mangas. O sacerdote o usa em celebrações fora da missa, como em procissões, e também na bênção do Santíssimo Sacramento. Acredita-se que tem origem com a evolução do manto romano, entretanto não é certo. Por muito tempo não teve uma representação simbólica, segundo Paci (2008, p.330). Sua primeira interpretação foi relaciona-lo a conversão, assim como perseverança na fé.



Figura 10- Capa de Asperges ou capa Pluvial, seguindo as cores litúrgicas.

2.2 A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

Mais de 500 milhões de fiéis são guiados pelo governante espiritual católico: o Papa (LUFF, 1969, p. 513). Segundo Luff, o Papa é o representante de Jesus indicado por Deus (1969, p. 513). O *Vigário*, sendo ele sucessor de São Pedro, o primeiro Papa, herdando sua promessa de guiar o povo.

Contudo, cerca de 2500 bispos são nomeados pelo Papa, que por um seguro canal de comunicação, como diz Luff (1969, p. 513), tem a autoridade respeitada em qualquer lugar do mundo. Recebe os títulos: Vigário de Jesus Cristo, Sucessor do Príncipe dos Apóstolos, Bispo de Roma, Patriarca do Ocidente, Sumo Pontífice da Igreja Universal, Soberana do Estado da cidade do Vaticano, Servo dos servos de Deus, Arcebispo e Metropolita da Província de Roma.

A autoridade do Papa, historicamente foi introduzido durante a organização do Império Romano, uma vez que após a morte e ressurreição de Cristo, Roma havia se transformado em um posto central de civilização no mundo. O lugar onde Pedro, apóstolo de Cristo, escolheu para estabelecer o Reino de Deus na Terra, onde segundo Luff tal escolha estaria nos planos de Deus. Para os católicos, o Papa herda a missão de Pedro, o apóstolo, de guiar o povo e logo, decidir o quer é certo ou não, ensinando a verdade; seu sucessor.

Este mestre da Igreja torna-se responsável pela escolha dos outros, e sua disciplina, diferente dos ensinamentos que são passados nos Concílios, mudam de acordo com o Papa eleito e a época.

Com relação a sua vestimenta e paramentos, também são unicamente usadas por ele, como por exemplo, o uso do báculo pastoral dos bispos. Mesmo sendo bispo de Roma, ele nunca o usa. Em seu lugar uma cruz é levada à sua frente a chamada *férula Papal*. Também é particularidade papal a *tiara* ou *tríplice coroa*, assim como o pálio usado pelos arcebispos.



Figura 12-Férrula Papal originalmente do Papa Pio IX



Figura 11- Tiara, ou tríplice coroa papal do Papa Pio IX, doada pela Bélgica

Uma de suas distinções é seu hábito branco onde é amarrado com uma faixa da mesma cor contendo o símbolo papal na extremidade, assim como seu solidéu, que é uma espécie de gorro em forma côncava, usados no dia-a-dia. Também usa a *murça* ou *mozeta* branca, o solidéu da mesma cor, a cruz peitoral de ouro, o anel do pescador e o *múleo*, que são os sapatos vermelhos usado apenas pelo Papa. Durante encontros diplomáticos, além do uso da batina branca, é colocado sobre ela a *sobrepeliz*. Consiste em um traje feito de linho branco que desce até a altura dos joelhos e com mangas largas. Usa a murça vermelha assim como o múleo, a cruz peitoral e o anel do pescador, quando for fazer aparições públicas, pronunciamentos etc.

Sobre a murça costuma colocar a estola papal, que consiste em uma estreita faixa de seda na cor vermelha, bordada a ouro, simbolizando seu poder espiritual. Ao celebrar uma missa, sobre a túnica coloca-se a casula, ao qual varia a cor durante o ano litúrgico, o *pallio* envolto ao pescoço, simbolizando sua autoridade pastoral. Sobre a cabeça usa-se a mitra, e nas mãos carrega a férrula.

Outros acessórios que também podem ser usados pelo Sumo Pontífice são: *Galero*, chapéu feito a mão naturalmente vermelho, bordado com fios de ouro; o *Fanon*, que é uma capa de ombros pequena semelhante a murça, feita de seda branca com listras douradas. O Fanon representa o escudo da fé católica e é usada somente pelo Papa durante as missas. O *Tabarro*, da cor vermelha para o Papa e preta para os demais, que

trata-se de uma capa longa sobreposta à batina. Tais vestimentas e materiais variam de acordo com o Papa eleito, como por exemplo, o Papa Francisco, que não utiliza de



Figura 13- Vestes típicas do Papa

materiais luxuosos em seus paramentos, assim como dispensa o uso de outros que não condiz com sua missão de servir aos pobres.

É costume beijar-lhe os pés, ou ajoelhar-se a frente dele e beijar seu anel, que por sinal é dado a ele em sua eleição. Chama-se Anel do Pescador, um símbolo a São Pedro e sua promessa à Jesus Cristo, que fez de seus apóstolos pescadores de homens: *"Vinde em meu seguimento, e farei de vós pescadores de homens."* (Mt 4, 19).

Ao ser eleito, o Papa é coroado com a Tríplice Coroa que é usada desde o século XIV, tendo formas diferentes. Entretanto ele só se torna Papa ao aceitar sua eleição, e continuará assim por toda a sua vida. Como, por exemplo, o Papa Bento XVI que abdicou de sua posição, todavia continua sendo Papa. As decisões e outros determinados assuntos da Igreja só cabem ao Papa em vigor eleito. Sendo assim, neste caso, Bento XVI, continua a ser um líder espiritual para a comunidade católica e recebe o título de Papa emérito.

Além de líder espiritual, o Papa é também governante de um pequeno país que compreende cerca de um parque, o Vaticano. Antigamente era responsável por uma grande parte da Itália.

A necessidade de um líder acima do egoísmo das nações, que consiga dialogar ao invés de agredir, não usar da guerra para chegar a uma conclusão, faz do Papa uma ponte entre nações. Mesmo que todos não sejam católicos, sua figura religiosa não pode ser negada. Ele é mais acessível do que os demais chefes de Estado. Sua imagem amável é propagada pelas mídias sociais, cinema e TV, tornando-o mais familiar, com sua inconfundível veste branca da simplicidade, do que coberto de paramentos. O *Sumo Pontífice*⁴, construtor de pontes, é respeitado, e amado pelo mundo inteiro segundo Luff (1969, p. 517).

Tal tarefa, responsabilidades e funções, tornaria pesado para apenas um só homem. Como diz Luff (1969, p. 518), existe um grupo envolto em Vossa Santidade, o Papa, para auxiliá-lo: os *cardeais*.

Eles são responsáveis por eleger o Papa, que por sinal será um dentre eles, sendo assim: “Os cardeais são considerados príncipes da Igreja e têm precedência depois do Papa.” (LUFF, 1969, p.519). Além desta função, eles representam o Sumo Pontífice, ajudam no governo da Igreja etc.

Ao se tornar cardeal, recebe um solidéu que o sua com frequência. Sobre sua cabeça o Papa coloca uma espécie de chapéu chamado *zuchetto* ou *barrete*, da cor escarlate. Tais paramentos são lhe entregues em um Consistório Público⁵, e no Consistório Secreto, recebe o anel de safira e o título de sua Igreja em Roma. Caso não resida na Itália, o barrete é levado até ele pela Guarda Nobre do Papa, entretendo ainda sim deve comparecer a Roma para o restante das cerimônias.

Seu traje definitivo é o escarlate. Mesmo que não tenha sido bispo, usa-se o anel e a cruz no peito e por conseguinte, pode usar os paramentos de um, como a mitra e o báculo em sua Igreja titular romana.

A cor vermelha representa o sangue, é símbolo da energia vital. Em sacrifícios antigos o sangue de animais se fazia oferta à Deus, o que se compreende hoje com o vinho da eucaristia. Simbolismo este, do sangue de Cristo, de seu sacrifício de sangue para assegurar nosso renascimento e nos renovando para a vida nova. Consequentemente, tal cor usada pelos cardeais, simbolizam sua missão. Sua servidão e

⁴ Pontifex, do latim, que significa construtor de pontes. Era um título pagão, porém seu belo simbolismo foi reconhecido pela Igreja, segundo Luff (1969, p.517).

⁵Que se compreende por ser uma assembleia de cardeais convocada pelo Papa.

amor para com o povo de Deus, o sague ao qual estão dispostos a oferecer pela Igreja e seu povo.

O hábito de um cardeal consiste numa batina preta ou vermelha, com uma murça sobre os ombros da mesma cor, amarrada a cintura por uma faixa grossa com franja na extremidade, na cor escarlata, a cruz peitoral, o solidéu também escarlata e o anel. Em cerimônias especiais, é comum o uso da batina vermelha, vestida sobre ela um sobrepeliz. Nos ombros, a murça vermelha, o barrete acima do solidéu, a cruz peitoral e o anel, tal veste dá-se o nome de *vestes corais*.



Figura 14- Batina vermelha usada pelos cardeais, assim como a preta, e por último as vestes corais

A Igreja católica é governada pelo bispo de Roma, e toda a região e país onde há a religião há um bispo para guiá-la. Segundo Luff (1969, p. 536) a palavra *bispo*, origina do latim *episcopus*, que significa administrador, o que de fato é sua função na Igreja. No caso, ele é responsável por uma diocese, e recebe o título de bispo. De mais dioceses recebe o título de arcebispo. Costuma levar o nome da cidade onde tem seu trono, em uma Igreja, cujo tamanho e dignidade sejam proporcional à ele, a *catedral*.

O sacerdote se ordena a bispo pelas mãos de outros bispos, pois é dever dele repassar sua fé e doutrina, assim sendo, diz que ele possui “a plenitude do sacerdócio” (LUFF, 1969, p. 537).

Em certas cerimônias religiosas, ele: “[...] enverga os paramentos e as insígnias pontificais.” (LUFF, 1969, p. 541). Os paramentos mais característicos de um bispo são o báculo (símbolo de um cajado de pastor que guia seu rebanho, para a Igreja, o que guia o povo), a mitra, a cruz peitoral (cruz com relíquias levada sobre o peito, também usada pelo Papa e Cardeais, variando o material), e um anel. Em seu dia-a-dia, carrega consigo a cruz peitoral e o anel. A maneira de se portar ao vê-lo, é flexionar um joelho e beijar-lhe o anel, sinal de respeito pelo seu papel na Igreja.

Certas ocasiões especiais, usa-se uma batina roxa onde sobre ela é posta um roquete, semelhante ao sobrepeliz usado pelo cardeal, feito de linho branco sobre a cabeça a zucchetto ou barrete roxo, e também pode-se usar sobre esta veste a *mantelete* roxo, uma capa que desce até os joelhos sem manga, usada por bispos, cardeais e outros, variando a cor. Ainda pode-se usar em comemorações, uma capa púrpura volumosa com calda onde é levada pelas extremidades por uma pessoa, cujo nome é *cappa magna*. Antes era comum o bispo usar em dias comuns uma batina preta, detalhada de escarlate com uma faixa púrpura assim como o solidéu e o barrete, sobre os ombros a murça preta. Tal veste é semelhante ao do cardeal, diferenciando apenas do solidéu, barrete e faixa que são púrpura, uma vez que a do cardeal é escarlate.

A veste usada em uma celebração compreende por uma túnica amarrada por um cingulo, sobre ela a casula da cor do tempo litúrgico, a estola, a mitra sobre a cabeça e o báculo. Em algumas regiões é comum o uso do *Rationale*, faixa que cruza o peito e as costas sobre a casula, podendo ser usado tanto por bispos quanto pelo Papa. Durante



Figura 15- Rationale

as celebrações realizadas pelo bispo, assim como pelo Papa, um ajudante chamado *mitrífero* e *baculífero*, que portam o báculo e a mitra quando o mesmo não a está utilizando. Utiliza a *Vimpa*, para segurar tanto a mitra quanto o báculo. A *vimpa* é um manto usado sobre os ombros e solto a frente, seguindo a cor do tempo litúrgico. Outros paramentos usados pelo bispo são luvas também seguindo a cor litúrgica chamadas *Chirotecoe*.

A maneira de se tratar um bispo segundo Luff (1969, p. 541) seria por: Vossa Excelência Reverendíssima e sua Excelência Reverendíssima, entretanto hoje é utilizado somente Monsenhor, Senhor Bispo ou Senhor Arcebispo quando este for o caso.

Uma das funções do bispo é criar Paróquias e nomear seu responsável. Tal Igreja é matriz de uma região limitada e definida, sendo seu responsável um sacerdote, cujo título passa a ser o de *pároco*. O sacerdote deve acompanhar a vida de seus fiéis tendo um papel paternal para a sociedade, estando com seu “*rebanho*”⁶ até o fim da vida. Segundo Luff (1969, p. 547) além de celebrante, o padre também é administrador, tanto da Paróquia quanto dos sacramentos. Quanto aos sacramentos, pode ser delegado aos Ministros para assim o fazerem.

É costume, durante as missas de domingo e em casos especiais, ter sempre como intenção na missa outras paróquias e seu pároco.

Durante a celebração as vestes usadas pelos sacerdotes são: a túnica ou alva branca, o cíngulo amarrado a cintura. Sobre ela a casula, seguindo a cor do tempo litúrgico. Passado por trás do pescoço e solto a frente, segue a estola também da cor litúrgica. Em casos como casamentos, batismo e durante as procissões, ele veste ainda a *capa de asperges*, também chamada de *pluvial*. Ainda sobre ela coloca-se o *véu umeral* para benção do Santíssimo para que a mão não toque o ostensório. Outro paramento usado, porém que caiu em desuso, é o *manípulo*, cuja finalidade era limpar o rosto do sacerdote.

Em cerimônias como o de lava pés na quinta-feira santa e imposição das cinzas, na quarta-feira de cinza, o sacerdote se paramenta com um avental de linho de

⁶ Simbologia cristã para se referir aos fiéis. Diz-se rebanho uma vez que o sacerdote é visto como pastor que o conduz a fé de seu povo.

cor neutra chamado *gremial*, simbolizando sua servidão para com seu povo, assim como Jesus disse:

[...] Como sabeis, os que são considerados chefes das nações as mantém sob seu poder, e os grandes, sob seu domínio. Não deve ser assim entre vós. Pelo contrário, se alguém quer ser grande entre vós, seja vosso servo, e se alguém quer ser o primeiro entre vós, seja o escravo de todos. Pois o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate pela multidão. (Mc 10, 42-45).

No dia-a-dia era comum o uso de batinas pretas, o que foi deixado de lado após o Concílio Vaticano II (1962-1965), pois a principal intenção era aproximar o sacerdote do povo. Os paramentos litúrgicos do sacerdote são a base dos demais usados pelo clero, variando nos bordados e acessórios, tal vestes são símbolos de fé para os fiéis católicos e, para os sacerdotes, respeito para com a casa de Deus. A simbologia, fé e religião, estão interligadas nas vestes do clero, tornando parte da Igreja e de ritos religiosos.

Pode-se observar que toda a estrutura da Igreja é dividida, entretanto unidos tornam -se um. Assim o é para poder melhor atender seus fiéis, guiá-los pelo caminho da fé. O amor é a base de toda a religião e na religião católica podemos perceber isto nas vestes. A dignidade de vesti-las para celebrar o Cristo.

3 A VESTE PARA QUEM VESTE: O REVESTIR DE CRISTO

“A veste litúrgica usada pelo sacerdote durante a celebração da Sagrada eucaristia deve, em primeiro lugar, demonstrar que ele não se encontra lá em privado, mas que está lá em lugar de alguém- de Cristo.” (RATZINGER, 2010, p. 159). Sendo assim, sua individualidade não deve ser visualizada, mas a pessoa de Cristo que o reveste. Não é mais a pessoa, mas o padre, o sacerdote. Como diz o cardeal Ratzinger (2010, p.159), o sacerdote durante a celebração está para transmitir o Cristo, e não sua própria imagem como pessoa, ele é um instrumento, mensageiro. Assim, ao se paramentar para a sagrada Celebração Eucarística, ele se reveste de toda a dignidade de Cristo: “*Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não vos abandoneis às preocupações da carne para lhe satisfazerdes as concupiscências.*” (Rmr 13,14).

Para os católicos a veste não é um adereço, é um símbolo de espiritualidade. Uma vez que olhar o sacerdote paramentado, não é a mesma coisa que ver um homem vestido de modo peculiar.

Símbolo como descreve o Conselho Episcopal Latino –Americano (2007, p. 157) é indicador para uma realidade diferente, ou seja, são elementos significativos que nos remetem a uma imagem.

O sacerdote paramentado é como um símbolo que nos remete a realidade de Cristo no altar, de seu sacrifício. Sendo assim, é Cristo cobrindo o sacerdote em perfeita união, nos remetendo a sua comunhão conosco: “A veste litúrgica evoca o tornar-se como Cristo e a comunidade nova que nasce daí.” (RATZINGER, 2010, p. 160). A veste vai além de cobrir o corpo, e como diz o cardeal Ratzinger (2010, p. 161) ela é o corpo ressuscitado de Cristo, uma antecipação do caminho novo, de união. Sendo assim, o ser humano percebe melhor a espiritualidade, por intermédio de símbolos e sinais materiais, como diz o CELAM (2007, p.181).

“Cada elemento de um rito litúrgico associa-se a outros que o acompanham.” (BRANDÃO, 2015). Todos os paramentos, assim como a postura do celebrante, deve estar em harmonia para melhor estimular os fiéis, desse jeito a palavra de Deus é rearticulada. Como menciona Brandão (2015,p. 29) levando ao ouvido dos espectadores o sabor da palavra em seu íntimo. São símbolos que funcionam como intermédio entre terra e céu, como por exemplo, a comparação de um simples cálice da

celebração e relaciona-lo ao sacrifício de Cristo. Assim são os objetos litúrgicos como também os paramentos. São representações de uma história divina, de amor e sacrifício, e mesmo sendo bem elaborados, tornam-se simples correlação ao que concebem: um atalho para se alcançar o sagrado.

As composições de símbolos litúrgicos constroem a identidade do fiel católico, dando sentido a sua crença: “A dimensão simbólica adere-se uma dimensão funcional e social que à liturgia uma camada antropológica inseparável da sua espessura religiosa.” (BRANDÃO, 2015, p. 30). Tal dimensão atinge também aqueles que não fazem parte da religião. O Papa, ícone religioso católico, símbolo da paz e ponte entre as nações, por exemplo, é conhecido por todos. É inegável sua participação ativa religiosa e diplomática, e por mais que não participam do rito católico e não o admitem como sucessor de Pedro, ainda sim não deixa de ser um marco de pessoa cristã.

As vestes litúrgicas, assim como tudo que compõe a santa missa é um resgate do mistério de Cristo, não apenas para contemplação, mas reflexão. Mesmo parecendo que as pessoas se encontram mecanizadas durante o rito religioso, como se seguisse a massa, elas não se encontram totalmente abstraídas, assim como diz Brandão (2015, p. 31). Ela não se entrega a sedução da beleza no rito e tudo o que o constitui, mas é guiada por ele ao encontro íntimo com Deus. A beleza da liturgia não são os objetos que a compõem, mas o que cada membro da Igreja sente durante a celebração. Suas angústias, alegrias e desejos, estes sentimentos são o ápice da eucaristia, quando a pessoa se abre para Deus.

Quando o padre se paramenta está se revestindo de dignidade, sem nenhum mérito dele como pessoa. Elas o dão condições de celebrar a eucaristia. Ele celebra na pessoa do Cristo fazendo a memória da entrega de Jesus como alimento salutar para todos.

O sacerdote ao vestir-se, sente na condição de fazer a memória de Cristo Jesus, além de trazer o momento fundamental da eucaristia quando Cristo se faz pão da vida, e o faz com alegria. Ele é um sinal da presença de Deus, do que ele vive todos os dias, de seu serviço para com o povo.

É na pessoa de Cristo que o padre atua para transmitir a fé e seus ensinamentos para o povo.

A representação de Jesus nas catacumbas das Igrejas Primitivas é de um bom Pastor. Este é um símbolo de carinho e cuidado, chamando a atenção para seu sacrifício ao guiar suas ovelhas por campos ou rochedos, sendo assim, ele nunca deixará alguma para trás. Esta comparação de Jesus com um pastor de ovelhas é perpassada para o clero. Como um bom pastor, o padre tem o dever de guiar o povo na fé cristã, de auxilia-los. Entretanto ele não está só, tem a ajuda dos ministros, leigos que exerce a função de auxiliaadores. Eles suprem certas tarefas litúrgicas, como está descreve Arinze (2015,art. 147). Os catequistas :” [...]que com grandes esforços têm dado e prosseguem dando uma ajuda extraordinária e absolutamente necessária ao crescimento da fé e da Igreja.” (ARINZE, 2015, art.148), e os Assistentes de Pastorais :

A atividade do assistente pastoral se dirige a facilitar o ministério dos sacerdotes e diáconos, a suscitar vocações ao sacerdócio e ao diaconato e, de acordo com as normas do direito, a preparar cuidadosamente os fiéis leigos, em cada comunidade, para as distintas tarefas litúrgicas, de acordo com a variedade dos carismas.(ARINZE, 2015, art.150).

Entretanto, não podem assumir a função assim como as vestes do sacerdote ou diácono como é descrito no Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano (art.153).

Deste jeito o sacerdote consegue, melhor, atender a comunidade ao qual foi designado a guiar. Os ministros, catequistas e assistentes de pastorais devem estar em comunhão com ele, assim como ele deve estar com Deus. É através dessa unidade que alimentarão a fé das pessoas, resgatam os fiéis que por algum motivo se afastaram da Igreja Criar novos projetos sociais para ajudar a sociedade, servir às pessoas, pois como Jesus mesmo dizia: “[.] *se alguém quer ser grande entre vós, seja vosso servo, e se alguém quer ser o primeiro entre vós, seja vosso escravo.*” (Mt 20, 26). Assim como Jesus veio para dar sua vida em resgate de multidões, deste modo a Igreja deve agir; ela tem o dever de ser servidora, não unicamente por parte do clero, mas por toda a comunidade cristã, pois é desta comunhão que se faz a Igreja de Cristo. Não por edifícios, mas por pessoas de fé, dispostas a se doarem em prol da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As particularidades dentro da religião Católica são inegáveis. Seus paramentos e objetos litúrgicos, assim como a arte, o rito e arquitetura, são singulares. A religião acompanha a história. Sofre modificações. Entretanto, mudar não significa deixar suas raízes.

Todos os elementos que rodeiam a religião vem de uma base sólida do cristianismo. A veste que, num primeiro momento era a veste da inocência, do amor e da aliança com Deus, foi renovada pela veste sacerdotal.

Uma veste que simbolizava essa nova aliança regada de história. Composta de elementos significativos da trajetória israelita, a veste sacerdotal no antigo testamento foi o início de uma jornada de cultos a Deus.

Por fim o homem se reveste de Cristo. Não é somente uma roupa peculiar, é um símbolo Católico que dentro da celebração remete ao fiel o sacrifício de Cristo. Uma roupa regada de responsabilidade e dignidade. A beleza e variedade de aplicações nesses paramentos tem relação com a elevação o divino:

Quando as peças são menos suntuosas e convergem em um ambiente em que o popular, a fantasia, o mítico e a delicadeza são também protagonistas, talvez seja mais fácil, como no cristianismo primitivo, elevar a pessoa e conduzi-la ao encontro com seus semelhantes e com o divino. (BRANDÃO, 2015, p. 32).

Assim como cada religião tem suas particularidades, construindo a identidade do fiel, o uso de paramentos, objetos litúrgicos, assim também como gestos típicos católicos constituem a religião. Ao se proporcionar o envolvimento com a religião, cria uma unidade com sua Paróquia:

Salientar essa dimensão prosaica leva-nos a entender os objetos, palavras e ritos litúrgicos não em si mesmos, mas como caminhos para uma fraternidade e uma delicadeza que esquecemos em nossa lida cotidiana, sobretudo num mundo inflacionado de produtos, discursos e estímulos sensoriais que nada celebram e jamais casam a profundidade do nosso corpo com a epiderme de nossa alma. Sem este casamento, só temos o sensorial de um lado e, de outro, o discurso e o pensamento vazio. O que nos torna “sensíveis” é combinarmos o corpo e a alma, o Verbo e as coisas, a palavra e a ação, os sentidos imanentes da pele e o impulso de transcendência a que eles nos conduzem. (BRANDÃO, 2015, p.23).

Dessa maneira pode-se dizer que tanto o simbolismo de objetos, como o rito são particularidades Católica. O sentimento proporcionado aos fiéis durante a celebração pode não ser compreendida por membros de outras religiões.

REFERÊNCIAS

ARINZE, Francis. **Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos: Instrução Redemptionis Sacramentum**, 2015. Disponível em: <<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20040423_redemptionis-sacramentum_po.html>> Acesso em: 25 Julho 2015

ALBION, Gordon. **ENCICLOPÉDIA Nova Católica: A história da Igreja**. Edição de G.V. Speaight. Vol.3. Rio de Janeiro: Renes, 1969

ANSON, F. Peter. **ENCICLOPÉDIA Nova Católica: A construção de Igrejas**. Edição de G.V. Speaight. Vol.10. Rio de Janeiro: Renes, 1969

BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. 9 ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2011

BÍBLIA, tradução ecumênica, **TEB**. São Paulo: Loyola, 1994

BEDOYÈRE, Quentin de la. **ENCICLOPÉDIA Nova Católica: O ensinamento doutrinário da Igreja**. Edição de G.V. Speaight. Vol.7. Rio de Janeiro: Renes, 1969

CELAM, **Manual de Liturgia I: A celebração do Mistérios pascal**. Introdução à celebração litúrgica, 2 ed. São Paulo: Paulus, 2007

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

DERICK, Christopher. **ENCICLOPÉDIA Nova Católica: O ensinamento moral e social da Igreja**. Edição de G.V. Speaight. Vol.8. Rio de Janeiro: Renes, 1969

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**, São Paulo: Nova Fronteira, 1988

LUFF, S.G.A. **ENCICLOPÉDIA Nova Católica: A organização da Igreja**. Edição de G.V. Speaight. Vol.6. Rio de Janeiro: Renes, 1969

MULLINS, O.P; ALOYSIUS,G. **ENCICLOPÉDIA Nova Católica: O novo testamento**. Edição de G.V. Speaight. Vol.2. Rio de Janeiro: Renes, 1969

MILNER, Paulinus. **ENCICLOPÉDIA Nova Católica: A liturgia da Igreja.** Edição de G.V. Speaight. Vol.9. Rio de Janeiro: Renes, 1969

ODELL, M. E. **ENCICLOPÉDIA Nova Católica: Preparando o caminho.** Edição de G.V. Speaight. Vol.1. Rio de Janeiro: Renes, 1969

PACI, Sara Piccolo. **Storia dele vesti liturgiche.** Milano: Ancora, 2008

PARAMENTOS. Disponível em: < <http://www.salvemaliturgia.com/2010/12/nobre-simplicidade-dos-paramentos.html>> Acesso em:22 de Jun 2015.

RATZINGER, Joseph. **Introdução a Liturgia.** 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2010

TERRIN, Aldo Natale. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade.** São Paulo: Paulus, 2004

WHITE, Ellen G. **Parábolas de Jesus.** 2 ed: Ellen G. White Estate, 2013. p. 200. Disponível em: <<<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Par%C3%A1bolas%20de%20Jesus.pdf>>> Acesso em: 21 Maio 2015

ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1, fonte: << <http://pastorjamesjanssenblogspotcom.blogspot.com.br>>>

FIGURA 2, fonte: <<<https://doutrinacatolica.wordpress.com/2012/03/29/vestes-sacras-liturgicas-aprendendo-o-que-sao/>>>

FIGURA 3, fonte: <<<http://pilulasliturgicas.blogspot.com.br/2013/08/o-manipulo.html>>>

FIGURA 4, fonte: <<http://www.santosete.com.br/index.php?route=product/product&product_id=80>>

FIGURA 5, fonte: <<<http://www.artesacro.com.br/sobrepeliz-renda-entremeio.html>>>

FIGURA 6, fonte: <<<http://www.artesacro.com.br/casula-arabescos-271.html>>>

FIGURA 7, fonte: <<<http://www.artesacro.com.br/dalmatica-cruz-com-espiral.html>>>

FIGURA 8, fonte: <<<http://www.deaparamentos.com.br/produtos/paramentos/batina-2/bat03/>>>

FIGURA 9, fonte: << <http://www.casadopadrerj.com.br/Veu-Umeral-AS101-VU/prod-1013393/>>>

FIGURA 10, fonte: <<<http://www.deaparamentos.com.br/produtos/paramentos/capa/cp04>>>

FIGURA 11, fonte: <<<http://www.joiasesimbolosmedievais.blogspot.com.br/>>>

FIGURA 12, fonte: <<<http://joiasesimbolosmedievais.blogspot.com.br/2010/10/triplice-coroa-dos-papas-tomou-forma.html>>>

FIGURA 13, fonte: <<<http://vivialeticia.blogspot.com.br/2014/03/papa-funcoes-eleicao-que-representa.html>>> (imagem modificada).

FIGURA 14: fonte:<<www.salvemaliturgia.com>>.

FIGURA 15: fonte: << Fonte:[www.wikiwand.com/it/Razionale_\(liturgia\)](http://www.wikiwand.com/it/Razionale_(liturgia))>>